

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°18. Año 7. Agosto-Noviembre 2015. Argentina. ISSN: 1852-8759. pp. 19-30.

Políticas de minoritização religiosa e glocalização: notas para um estudo de redes religiosas de ativismo socio-político transnacional

Politics of religious minoritisation and glocalisation: notes towards a study of religious networks of transnational sociopolitical activism

Joanildo A. Burity *

Fundação Joaquim Nabuco, Brasil
joanildo.burity@fundaj.gov.br

Resumo

Este trabalho apresenta um marco preliminar de análise para compreender uma das principais formas de expressão global dos movimentos religiosos no cenário contemporâneo e seu impacto específico na esfera pública: a inserção em redes de ativismo social e político em escala translocal, transnacional e global. No que se segue, isto será feito a partir da problemática da relação entre religião e globalização, destacando-se, particularmente, dois conjuntos de processos: primeiro, a dinâmica entre ostensividade e invisibilidade nestas experiências; e segundo, a conjunção entre processos de minoritização e de imbricação entre local e global (que enfocaremos a partir do conceito de glocalização). O estudo será conduzido como uma análise comparativa das redes existentes entre o Brasil, Argentina e Reino Unido.

Palavras-chave: Religião e redes de ativismo sociopolítico; minoritisation; glocalização; América Latina; religião pública.

Abstract

This article offers a preliminary analytical framework for the study of one of the main forms of global expression of religious movements in the contemporary scenario and its specific impact on the public sphere: the involvement of networks of social and political activism at translocal, transnational and global levels. This is done through the analysis of the relationship between religion and globalisation, with particular attention to Christian groups, stressing two sets of processes: first, the dynamics of visibility and latency within these experiences; and second, the convergence between processes of minoritisation and imbrication of local and global (which will be developed through the concept of glocalisation). The study will be conducted as a comparative analysis of existing networks between Brazil, Argentina and the United Kingdom.

Keywords: Religion and networks of socio-political activism; Minoritisation; Glocalisation; Latin America; Public religion.

* Bacharelado em História pela Universidade Federal da Paraíba (1985), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (1989), doutorado em Ideology and Discourse Analysis (Ciência Política) pela University of Essex, Inglaterra (1995), com pós-doutorado na University of Westminster, Inglaterra (2003). É pesquisador titular, Diretor de Formação e Desenvolvimento Profissional e professor do Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio, na Fundação Joaquim Nabuco, e professor colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco.

Políticas de minoritização religiosa e glocalização: notas para um estudo de redes religiosas de ativismo socio-político transnacional

Este trabalho apresenta um marco preliminar de análise para compreender uma das principais formas de expressão global dos movimentos religiosos no cenário contemporâneo e seu impacto específico na esfera pública: a inserção em redes de ativismo social e político em escala translocal, transnacional e global. Conhecidas no mundo das organizações populares de base, onde executam ou intermedeiam projetos de desenvolvimento comunitário ou intervenções temáticas, bem como no mundo das ONGs e dos movimentos sociais, entidades ecumênicas representam uma porta de entrada nem sempre perceptível em se tratando de abordagens cujas lentes estão apontadas para dinâmicas institucionais dominantes. De qualquer forma, o impacto das redes ecumênicas refere-se a dimensões como visibilidade pública, mobilização coletiva, articulações/coalizões entre atores religiosos e não-religiosos e participação em processos/campanhas de caráter global (García Canclini, 2003; Mato, 2004, 2007; Scherer-Warren, 1999, 2006). Busco dar conta aqui, num registro analítico baseado em pesquisas realizadas entre 2008 e 2014, no Brasil, Argentina, Estados Unidos e Reino Unido, de um aspecto frequentemente perdido na recente visibilidade do tema da religião pública: a contínua e qualificada militância de base religiosa nos principais movimentos e iniciativas voltadas para enfrentar a pobreza e a violência ou promover a diversidade cultural e social e a justiça ambiental em escala local e global. Militância onde as demandas identitárias e a necessidade de construir o próprio público interpelado para essas ações estão fortemente refletidas, mas nem sempre captadas pelas lentes da análise científico-social.

Falar destas redes, por mais locais que sejam, em razão de sua história ou de seus vínculos efetivos, é inevitavelmente adentrar o complexo campo das relações entre local e global. Historicamente, o movimento ecumênico nasce internacionalista e assume,

a partir dos anos de 1990, cada vez mais, um perfil glocal em sua identidade e atuação. Sua participação em numerosos processos de mobilização e organização popular, bem como de diálogos de alto nível no campo da diplomacia e da cooperação internacional e de campanhas globais por justiça e cidadania, se faz acompanhar, no entanto, de uma descrição que requer muitas vezes um olhar mais apurado. A tendência na mídia, como na academia, é de priorizar o que é mais visível no espaço público (pelos grandes números ou pelo exotismo), o que produz notícia. A ação destas organizações e redes tende a ser menos ostensiva, em contraste, ainda quando integram eventos e mobilizações coletivas massivas.

Há, assim, a necessidade de cercar o fenômeno de alguns cuidados analíticos, de modo a dá-lo a ver, trazê-lo à esfera da ontologia social. No que se segue, isto será feito a partir da problemática da relação entre religião e globalização, destacando-se, particularmente, dois conjuntos de processos: primeiro, a dinâmica entre ostensividade e invisibilidade nestas experiências; e segundo, a conjunção entre processos de minoritização e de imbricação entre local e global (que enfocaremos a partir do conceito de glocalização).

Religião e globalização: conexões

A última década dramatizou a percepção que já se anunciava desde os anos de 1980 quanto à crescente presença e repercussão dos fenômenos religiosos no cenário global (Roof, 1991; Swatos Jr., 1989; Robertson e Chirico, 1985; Robertson, 1989; Beyer, 1994). Os acontecimentos pós-11 de setembro trouxeram de vez o tema da religião –ainda que pelo lado controverso de sua radicalização ou da apreensão da “essência” do fenômeno associada ao dogmatismo,

intransigência e conservadorismo (Juergensmeyer, 2003, 2008; Micklethwait e Woolbridge, 2009)–. Mas também se consolidaram tendências já observadas quando do avanço do neoliberalismo e da terceira via nos anos de 1990, no sentido da interpelação às organizações religiosas para assumirem funções subsidiárias de provisão social, reprodução ou reconstrução da ordem e da “coesão social” (Thomas, 2005; Burity, 2006a, 2006b; Banchoff, 2007, 2008; Michael e Petito, 2009).

Nos países de maioria islâmica, a já conhecida coextensividade da autoridade religiosa com a liderança moral e política e a ordem jurídica da sociedade (com poucas exceções, como a Turquia), revestiu-se de uma clara tensão entre Islã e Ocidente, que agudizou os conflitos internos por mudança política e cultural (Salvatore, 2009; Pace, 2007; Roy, 2010). Nos Estados Unidos, sinais claros de uma aliança entre setores cristãos conservadores e a direita republicana produziram uma forte guinada tanto na política doméstica como na política externa do país (Connolly, 2008; Benson e Heltzel, 2008). Em todos esses casos, a resposta dos cientistas sociais variou, mas a percepção da solidez e multidimensionalidade dos vínculos entre religião e globalização somente se amplificou no debate internacional.

No Brasil e América Latina mais amplamente, a expansão e emergência pentecostal (e evangélica) é de longe o tema mais saliente, com desdobramentos socioculturais e políticos. Socioculturalmente, deram-se reconfigurações tendencialmente pluralistas, impactos na cultura de massas, redefinições de comunidade (local) e de identidade nacional, e naturalmente alterações na demografia das religiões. Politicamente, após décadas de invisibilidade e quietismo, os pentecostais mobilizaram-se para construir uma autorrepresentação política e uma voz pública própria (Freston, 2004, 2007; Machado, 2006, 2009; Oro e Steil, 1997; Oro, 2006; Pew Forum, 2006; Burity, 2010, 2013; Hocken, 2009; Lehmann, 2009; Miller e Yamamori, 2009; Yong, 2010).

Neste sentido, os vetores da globalização são repotencializados e novamente projetados para fora. A “maré” de publicização da religião praticamente por toda parte –com reflexos na prática das agências multilaterais e nas redes da ajuda ao desenvolvimento– reforçava a plausibilidade e a legitimidade da demanda por representação e participação feita pelos pentecostais. Além disso, com o tempo, o perfil ideo-

logicamente paroquiano, moralista e anticomunista destes últimos mostrou-se contingente e muitos pentecostais, das bases às cúpulas, mostraram-se pragmática ou substantivamente abertos a posturas mais ao centro e à esquerda. Nisso também “aprenderam” com o conhecimento da própria realidade pentecostal em outras partes do mundo, e com a pressão étnico-política oferecida internamente por evangélicos e ecumênicos mais comprometidos com fortes pautas sociais e de crítica ao neoliberalismo. A conjuntura internacional, favorecendo modalidades de religião pública (notadamente em sua variante “cívica”, de subsidiariedade na provisão social e no reforço ou reconstituição da “coesão social”), e a autoativação de uma voz pública convergiram assim para potencializar o impacto pentecostal. Este processo pode ser visto no contexto da problemática da minoritização, de extração deleuzo-guattariana, sobre que falarei mais adiante.

Religião e globalização também se cruzam na América Latina por meio da intrincada rede de conexões, apoios e ação coordenada por parte dos movimentos religiosos politizados dos anos de 1970 (e mesmo antes) a fins de 1980: teologia da libertação, movimento ecumênico e em menor escala o evangelicalismo da “missão integral” –Míguez, Rieger e Sung, 2009; Cunha, 2010; Abumanssur, 2010; Caldas Filho, 2007; Roy, 2010–. Estes movimentos deram à luz ou fundiram-se a um conjunto de organizações não-governamentais, agências da cooperação internacional, organizações de assessoria popular e entidades vinculadas a movimentos sociais específicos (ecológico, feminista, negro ou indígena, de minorias sexuais, pacifista, alterglobalização, etc.). Deu-se uma profunda imbricação a partir da década de 1990, especialmente impulsionada pela conclamação e/ou abertura dos organismos multilaterais ao diálogo com a “sociedade civil” e pelo crescimento das formas globais de resistência à hegemonia neoliberal. Essa imbricação criou uma massa crítica de ação coletiva e redes de organizações e grupos informais de cidadãos(ãs) de orientação cosmopolita, que se espraia do “local” ao “transnacional” em sentidos que a conotação territorial desses dois termos é insuficiente para captar. Nos casos das identidades religiosas e afrodescendentes, por exemplo, figurações “ecumênicas” de fraternidade entre pares ou de partilha de uma humanidade comum, e figurações diaspóricas sobre histórias coloniais e pós-coloniais, de saída, ao menos como possibilidade, mas muitas vezes concretamente, pro-

blematizam e muito a sua relação com as sociedades nacionais, das quais, entretanto, não podem se eludir.¹

Aqui é importante destacar a importância de retrabalhar e aprofundar o conceito robertsoniano de globalização, sobre o qual falarei mais abaixo. Grandes campanhas globais, como Jubileu 2000; mobilizações em torno da participação da sociedade civil em megaeventos promovidos pelas Nações Unidas desde a Eco-92 até a Rio +20; diálogos em vários níveis com o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio sobre questões de combate à pobreza, comércio justo e arquitetura financeira global; a defesa de formas de comunidade de base local ou étnico-racial; e mesmo o movimento alterglobalista (e sua face mais pública, o Fórum Social Mundial), seriam impensáveis sem o concurso dessa minoria religiosa com perfil e história muito diferentes dos pentecostais que hoje galvanizam as atenções (Burity, 2013). Nela podemos localizar outra expressão do conceito de minoritização. Essa evidência empírica ainda está por ser estabelecida e consagrada na literatura acadêmica, embora seja a meu ver de relativamente fácil comprovação. E a América Latina tem uma contribuição importante a reivindicar nesses processos.

Por outro lado, em relação aos temas concretos através dos quais essa relação entre religião e globalização tem se materializado a agenda é vasta, se tomamos o debate conduzido em língua inglesa e espanhola. Para dar alguns exemplos particularmente salientes, este debate recobre, hoje, todas as regiões do mundo; uma enorme diversidade de grupos religiosos ou étnico-religiosos, bem como suas relações com atores e temáticas seculares; uma discussão sobre o caráter transnacional dos atores religiosos e sua inserção e papel na emergência de uma sociedade civil global; debates sobre a relação entre religião, gênero, sexualidade e direitos; os complexos vínculos entre religião e violência, ou entre religião e desenvolvimento; a interrogação sobre a questão dos valores na recomposição da ordem social e política pós-Guerra Fria, pós-neoliberalismo e pós-Guerra ao Terror e que papel pode nisso jogar o discurso religioso; um intenso debate sobre a angulação analítica mais apropriada, em nível intra ou interdisciplinar, para a compreensão desses fenômenos; e diversas modulações do diálogo

possível entre a voz do saber especializado, do poder institucionalizado e da religião organizada, tanto em termos dos princípios quanto das práticas implicadas nesse diálogo, quando e como ocorra (p.ex. Haynes, 1998, 2011; Freston, 2004; Wolfe, 2002; Vásquez e Marquardt, 2003; Mendieta, 2007; Banchoff, 2007, 2008; Beyer e Beaman, 2007; Csordas, 2009; Deakin, 2010; Banchoff e Wuthnow, 2011; Martin, 2011; Mendieta e Van Antwerpen, 2011).

Religião pública: visibilidade e latência

Desde a perspectiva que me interessa aqui – obviamente entre vários outros enquadramentos legítimos – gostaria de ressaltar o seguinte:

a) há uma dupla dimensão na emergência da religião pública (Casanova, 1994, 2012; Wuthnow, 1994; De Vries e Sullivan, 2008; Gángó, 2010), representada por (a) sua face ostensiva, de alta visibilidade midiática e político-institucional, e (b) sua face difusa, submersa em ações cotidianas ou em outras modalidades de atuação coletiva que não estão (bem) representadas naqueles dois espaços públicos (mídia e instituições estatais). Em primeiro lugar, trata-se bem de fenômenos emergentes (no sentido dado ao termo na matemática e na física –Castellani e Hafferty, 2009; Smith e Jenks, 2006): não-previstos, contingentes, imprevisto e ativados por uma pluralidade não coordenada por alguma macroagência mas produtora de um sentido convergente ou uma constelação de práticas, a partir de um certo momento ou ponto de virada (tipping point).

Em segundo lugar, as faces ostensiva e difusa da religião pública precisam ser compreendidas contextualmente, in situ e em relação a outros fenômenos, pois tanto podem representar um continuum como também distintas modalidades de publicização, ou mesmo serem concorrentes entre si. Também é possível que uma face caracterize o processo de publicização religiosa num dado momento e seja neutralizada ou “derrotada” pela outra.

Em terceiro lugar, o par ostensivo/difuso deve ainda ser compreendido em termos da distinção proposta por Melucci em seus estudos sobre os movimentos sociais, entre visibilidade e latência (Melucci, 1996). Neste caso, o difuso/latente refere-se a um conjunto de interações, conexões e dinâmicas grupais/organizacionais específicas que têm lugar no

1 Agradeço à colega Rosalira Oliveira (Fundação Joaquim Nabuco), por me haver chamado a atenção para este ponto em discussão sobre o assunto.

nível do cotidiano e não são imediatamente reconhecíveis como formando um ator coletivo. Esse caráter difuso/latente pode ser ativado publicamente dadas certas condições de agenciamento desses vínculos por grupos ou líderes imersos nessa malha interativa, deslocamentos impostos pela conjuntura (crises, acontecimentos locais catalizadores, interpelação de atores externos), ou a decantação de tendências históricas ou estruturais de mais largo alcance (como as transformações do vínculo entre estado e sociedade que emergiram da dinâmica política do estado socialmente intervencionista e seu ataque pelo discurso neoliberal).

Neste caso, emerge um ator coletivo, ancorado e animado por uma trama de relações e organizações que nele se reconhecem e por/com ele se identificam publicamente. Isto não está dado nem pressuposto no plano difuso ou latente da experiência social. A ativação pública –no caso, translocal, transnacional e/ou global² é contingente a “perturbações” ou “provoações” do contexto. Tampouco há garantias de que a ativação, uma vez ocorrida, será permanente ou bem sucedida.

A presença molecular, mas nem sempre tão submersa, das redes ecumênicas, é o caso que considerar, como já antecipei. Embora eu reconheça perfeitamente que haja muito mais do que grupos cristãos nesse campo, sendo mais apropriado falar-se de redes interreligiosas, nas pesquisas em que se baseia esta análise este é o caso. O interreligioso certamente aparece, mas não recobre inteiramente as iniciativas e ações das redes ecumênicas. Não obstante, o foco no ecumenismo não é pouco. Até porque não precisa-

2 Os termos não são inteiramente convergentes, como testemunham os tratamentos distintos e, por vezes, exclusivos, dados por distintos autores. Eles podem ser pensados em termos de referência escalar – o translocal significando fluxos e dinâmicas que conectam localidades ou atravessam-nas; o transnacional significando fluxos e dinâmicas que atravessam fronteiras nacionais ou conectam casos em dois ou mais contextos nacionais, não perdendo, entretanto, a referência nacional como componente importante de sua identidade; e o global significando fluxos e dinâmicas que, ainda que projetados a partir de contextos particulares, adquirem uma configuração não associada aos marcos comunitários, regionais, nacionais e mesmo internacionais (no sentido de relações que se dão a partir das referências institucionais do sistema de nações), mas atravessando-os a todos. Mas há outras formas de construção da relação e diferenciação entre esses termos, ainda que todos tenham em comum o reconhecimento de que há algo na realidade contemporânea, tanto ideacional como material, que extrapola ou resiste à fixações espaço-temporais regidas pela imaginação nacional moderna. Para algumas dessas formulações, Scholte, 2005; Robertson, 1995, 2005; Roudometof, 2005; Mato, 2007.

mos assumir uma definição teológica de “ecumênico”, o que deixaria de lado casos e situações em que a prática ecumênica é uma realidade, embora a ancoragem confessional de certos grupos e organizações não assumam tal identificação explicitamente.

Assim, há aqui uma rede amplamente visível, mas pouco estudada, de entidades globalizadas e organismos ecumênicos internacionais que operam no financiamento de projetos, advocacy, formação e treinamento, e articulação em escala global, que os habilita como atores transnacionais firmemente associados a experiências locais de toda sorte. O Conselho Mundial de Igrejas, Caritas, Cafod, Christian Aid, Conselho Latino-Americano de Igrejas, Fórum Ecumênico Brasil, ACT Alliance, Aliança Anglicana, Jubileu Sul, World Vision International, Tearfund, por exemplo, são apenas algumas dessas organizações e articulações em rede antigas e recentes, para não mencionar organizações e redes menores, mais firmemente enraizadas em contextos locais, ao mesmo tempo que se projetam para além deles. Há muitas outras iniciativas em diferentes países latino-americanos e globalmente. O reconhecimento e mesmo a percepção desta agência fortemente ancorada em espaços locais ou em solidariedade com grupos e movimentos de base, mas decididamente mobilizada em redes transnacionais e globais de ativismo socio-político, ainda carecem bastante de caracterização e esforço interpretativo.

A este título, o desafio é de mão dupla: trata-se de projetar no debate internacional a contribuição desses processos originados em sociedades latino-americanas para a compreensão (do papel) da agência religiosa nos processos globais, mas também de preencher uma lacuna de estudos locais no debate latino-americano. Trata-se, em particular, de teorizar a partir da experiência sul-americana sobre processos que também estão presentes no hemisfério norteamericano (e sua periferia “interna”, como é o caso da Europa oriental, da América Central e das ilhas caribenhas), ao mesmo tempo em que se chama a atenção dos mesmos “para dentro” da própria América Latina. Em tudo isso, trata-se de ver como o contexto local (comunitário, nacional, regional) é impactado, mas também impacta e refrata esses processos.

A intensa mobilização religiosa, suas múltiplas formas de articulação e antagonismo com forças sociais e políticas de diversas escalas de magnitude e poder, e o impacto sócio-cultural produzido em grande parte do mundo pela continuidade e transformação

das identidades e práticas religiosas colocam a séria questão do estatuto da religião no cenário global. São mais do que conhecidas a narrativa da secularização e as formas pelas quais esta construiu (ou impôs, ao articular-se a políticas de estado e ações do sistema internacional) sua objetividade e normatividade. Hoje abundam críticas e reformulações da mesma, muitas vezes amparadas pela visibilidade e ativismo global das religiões. Não há evidências de longo prazo que apontem para o triunfo final, teleológico, da secularização (Norris e Inglehart, 2011; WIN-Gallup International, 2012; Robertson, 2007).

Assim, há que se discutir com seriedade e lastro teórico e empírico, o estatuto da religião, particularmente, mas não exclusivamente, em sua dimensão pública. Para tanto, vários esforços tem sido propostos, sobre os quais me apoio, tendo sido, de há muito um firme opositor da postulação metafísica de um inelutável processo de secularização associado à experiência da modernidade (ou suas variantes “pós”). Dentre eles as propostas de um deslocamento do eixo da análise para uma perspectiva global (Casanova, Haynes, Robertson), a tese da pós-secularidade (Habermas, de Vries e outros) e a perspectiva de um pluralismo ontológico guiado por categorias como contingência, articulação e hegemonia (Connolly, Laclau) emergem como elementos da pauta que apresentam forte potencial heurístico na problemática aqui articulada.

Minoritização e Glocalização

Duas das facetas estruturais de nosso tempo que complementam de modo importante a discussão anterior são a crescente minoritização do mundo e a problematização do nexa local/global (glocalização). Apontamos algumas características de ambas.

Em relação ao tema da minoritização, sua formulação mais recente, e explicitamente referida ao contexto da globalização, é de William Connolly. Em diferentes trabalhos (p.ex., Chambers e Carver, 2008; Connolly, 2011), este autor ressalta que há um crescente processo de pluralização de identidades, sua crescente assertividade e respostas acolhedoras ou ressentidas frente a elas. Esta emergência empodera minorias e cria condições para que os discursos majoritários sejam relativizados e equiparados/equilibrados/reduzidos à condição de uma minoria entre outras.

Questionamentos políticos da própria representatividade numérica, histórica ou da legitimidade do status quo (e sua auto-identificação como majoritário) vem ao par com essa demanda por igualdade de condições que pluraliza e minoritiza atores subalternos e hegemônicos, gerando novos pontos de conflito e novas formas de aliança entre grupos. Não é de surpreender que, face à pressão de um crescente número de minorias assertivas e ciosas de seus direitos num contexto genericamente favorável (até aqui, com sinais de mudanças de ventos perceptíveis) a arranjos multiculturais (Tariq Modood e Will Kymlicka sendo dois dos seus mais dedicados defensores), reações emergem no sentido de recompor o status quo majoritário ou de barrar o avanço de determinadas minorias.

Neste processo, maiorias afetadas e minorias que não compartilham dos mesmos valores e práticas de minorias emergentes buscam confinar estas últimas, denunciar seu perigo, duvidar de suas motivações, exigir-lhes novas credenciais de legitimidade. Estamos diante da modalidade negativa da minoritização, da produção ou reforço de exclusões. Este lado negativo é mais comumente elaborado em análises das políticas de minorias (Appadurai, 2009; Asad, 2003), mas mesmo estes autores problematizam o entendimento puramente quantitativo de maioria e minoria.

Na origem da problematização connollyana está a reflexão de Gilles Deleuze e Félix Guattari (p.ex. 2003), para quem minoria é um conceito qualitativo e político, não significando necessariamente “pequenos números” (Appadurai, 2009), mas pequenas forças, subjugadas, ainda que fontes de mudanças, dado que se constituem precisamente pelo abandono da lógica majoritária. Embora haja várias limitações neste último enfoque, particularmente a retenção de “minorias” como categoria inassimilável a quaisquer práticas “majoritárias”, interessa-me recolher o cerne da leitura feita por Connolly a partir de Deleuze e Guattari: a minoritização do mundo enseja a emergência de novos contendores a dividir o espaço público em condições de reivindicada igualdade, gera tensão por desequilibrar o regime de assimetrias de poder vigente e potencialmente representa a possibilidade de que novas lógicas sociais (no plural!) redefinem os contornos e conteúdo da ordem social.

Empírica e normativamente, minorias religiosas têm se colocado nesses termos e tido que enfren-

tar resistências de várias ordens no âmbito da mídia, do estado (governo e, por vezes, justiça), de outros atores sociais. O sentido de sua minoritização precisa ser, contudo, especificado. Analisar os ecumênicos pelo prisma da minoritização representa tanto uma forma de situar sua emergência num contexto de uma tendência mais ampla, quanto observar a dupla face do processo de minoritização, a asserção coletiva e a tentativa de confinar e desacreditar os novos contêdores em suas pretensões de rehegemonizar espaços determinados da ordem estabelecida, para ampliá-los numa direção pluralista. Há outras minoritizações em jogo, sendo de maior visibilidade e caráter polêmico as que trazem à cena pública globalmente os cristãos pentecostais e os muçulmanos.

Em segundo lugar, a questão das complexas relações entre o local e o global, que o conceito de glocalização visa a esclarecer, na verdade impõe um sério questionamento de definições puramente espaciais daquelas referências. Não se trata apenas de “global” e “local” se aplicarem hoje em diferentes escalas (isso ainda permitiria serem definidos como pura espacialidade), nem de que se mostrem imbricados em termos de influência mútua e conexões empíricas (o que ainda os manteria conceitualmente distintos e inteligíveis em sua natureza espacial). Antes, requer-se perceber que há claros processos de produção local do global e produção global do local no qual incidem disputas simbólicas e políticas pela correta representação ou pela redefinição dessas grandezas.

Os fluxos globais e a proliferação de localismos, coordenados ou não, direcionais ou transversos, que se intensificaram nas últimas décadas, põem em xeque o caráter discreto e a espacialidade associáveis a ambos os termos. Faz-se cada vez mais necessário captar os deslizamentos do sentido e da referência do que seja “local” e “global”, produzidos de modo estratégico ou contingente pelo discurso da mídia, a incessante e caótica circulação de mensagens no ciberespaço e/ou a dinâmica política entre discursos hegemônicos de governos e organismos internacionais e multilaterais e formas de contestação e resistência de organizações e movimentos sociais.

Roland Robertson propôs, nos anos de 1990, o conceito de glocalização para dar conta dessa dinâmica (1995; 2005; v. tb. Storrar, 2004; Roudometof, 2005; Khondker 2006). Ele falou também de particularização da universalidade e universalização da particularidade (1992) como correlatos dos processos

empíricos de ajuste e adaptação do global ao local e de amplificação do local na direção do global. Essas expressões se encontram quase literalmente no trabalho de Boaventura Santos (2002). Mas a conceituação do processo pode também beneficiar-se das discussões sobre territorialização/desterritorialização (Deleuze e Guattari, 2003; Nunes, 2002; Connolly, 2008, 2011; García Canclini, 2003, 2008; Mato, 2007; Ortiz, 2006; Cocco, 2009).

Num registro mais sociológico-político, o período aberto com a crise das ditaduras militares e a vitória hegemônica do neoliberalismo na América Latina, nos anos de 1990, descortina um cenário de intensa mobilização social, política e cultural das religiões, num contexto de crescente reconfiguração de sua demografia na América Latina.

Um dos principais vetores desse processo é de fato o pentecostalismo. Mas este não é a única força propulsora da mobilização religiosa. Inclusive em resposta ao seu desafio tanto às elites intelectuais e políticas seculares, quanto ao mainstream religioso do continente, vários grupos religiosos minoritizados no duplo sentido indicado acima (o que incluiria mesmo a Igreja Católica, quando esta passa a ser tratada como uma “minoría” entre outras), reagiram, responderam e se (re)articularam segundo suas possibilidades: o movimento carismático católico, religiões ou espiritualidades negras e indígenas e o espiritismo, a seu modo, envolveram-se nesse processo e tornaram-se também “religiões públicas”. No caso das ações afirmativas para a população afrodescendente é extremamente curioso que este processo tenha se dado no bojo da legitimação estatal das “identidades culturais” –cultura negra e candomblé, por exemplo, tornam-se mutuamente referidas– e tenha recebido sanções legais e em nível de políticas públicas, no contexto de políticas anti-discriminatórias, multiculturais ou de reparação histórica.

O dado mais intrigante deste processo, para as explicações científico-sociais dominantes, é que todas essas manifestações, das mais “aceitáveis” às mais controversas frente ao status quo intelectual e político, turvam a fronteira entre o público, o estatal e o religioso (em nível de identidade e de organizações), mas defendem reiteradamente a “separação entre igreja e estado”. Ou seja, publicizam a religião, mas não querem institucionalizar o vínculo entre o estado e qualquer delas. Embora não seja possível afirmar isso com plena força no caso das religiões afro-

americanas e indígenas, pela razão já dada acima, não há, via de regra, nesses casos, reclamos secularistas nem de outros grupos religiosos. No máximo, a lógica democrático-diferencialista (no sentido que lhe dá Laclau [2006]) do “nós também temos direito” se expressa.

É digno de nota que quando não se automobilizam, os grupos religiosos são frequentemente interpelados, cortejados e mesmo cooptados por forças mais poderosas e sedutoras: governos, agências internacionais e multilaterais, organizações não-governamentais internacionais, organismos eclesiásticos globais, movimentos sociais globais. Essas zonas de interação, que geram colaboração ou tensões e disputas, cobrem um amplo leque temático: desenvolvimento, gênero, direitos humanos, meio ambiente, sexualidade, identidade étnica e/ou cultural, educação. Não há ações ou políticas nesses campos hoje em que não estejam de alguma maneira implicados, consultados, envolvidos ou apenas escutados diferentes grupos religiosos. Essa circunstância amplia consideravelmente o campo de observação possível para a noção de mobilização social, política e cultural que sugeri, e demanda formas de operacionalização de casos e processos.

Mais do que isso, cresce o espaço de autoassertividade dos agentes religiosos inclusive em relação aos pesquisadores que, como eu, estão interessados nas trajetórias que aqueles realizam e em suas representações sobre as mesmas. Abre-se aqui uma demanda, explicitada ou não, de reflexividade na qual se envolvem ambos os lados – pesquisadores e pesquisados – e impede de se conceber a agência religiosa sob o signo da passiva aquiescência a processos inelutáveis e externos a ela. Diferentes grupos religiosos apropriam-se de discursos sociais e científicos sobre eles e produzem saberes práticos e quasescientíficos (fazem suas pesquisas e disseminam-nas, em outras palavras) sobre si próprios e sobre o mundo a sua volta. A militância afrodescendente e, timidamente, a evangélica e pentecostal, começa a reclamar sua própria voz na produção acadêmica de graduação e pós-graduação, ou em discussões curriculares no contexto universitário e escolar. Também este é um ponto que merece ser incorporado ao tema da “observação”, embora não seja objeto de minha investigação per se.

A modo de conclusão

As notas acima são assumidamente incompletas e não sistemáticas. Mas nos ajudam a descortinar um objeto cuja evidência demanda insistência, dada sua tendência a não buscar para si próprio a visibilidade que outras formas de religião pública exibem em nosso tempo. O que em nada diminui quer a vocação pública da prática religiosa levada a efeito por estes grupos, organizações e as redes que constituem, quer sua forma aberta ao escrutínio e às articulações para além do próprio campo das religiões. Entendemos que a dinâmica entre ostensividade e presença difusa (ou, nos termos de Melucci, de visibilidade e latência) e os processos de minoritização (emergência política ou subalternização pelos setores majoritários em reação à primeira) e de glocalização (que problematiza a relação entre local e global) nos ajudam a situar e a lançar luz sobre as formas de organização e expressão das redes ecumênicas, permitindo identificá-las e avaliar seu impacto específico nas sociedades contemporâneas.

Bibliografia

- ABUMANSUR, Edin (2010) “Ecumenismo na América Latina: entre o mercado e o deserto”. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião* Vol. 13, N° 1-2, p. 137-150.
- APPADURAI, Arjun (2009) *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural.
- ASAD, Talal (2003) “Muslims as a ‘religious minority’ in Europe”, en: *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Stanford University. p. 159-180.
- BANCHOFF, Thomas (ed.) (2007) *Democracy and the new religious pluralism*. Oxford: Oxford University.
- _____ (2008) *Religious pluralism, globalization, and world politics*. Oxford: Oxford University.
- BANCHOFF, Thomas e WUTHNOW, Robert (eds.) (2011) *Religion and the global politics of human rights*. Oxford: Oxford University.
- BENSON, Bruce E. e HELTZEL, Peter G. (eds.) (2008) *Evangelicals and Empire: Christian Alternatives to the Political Status Quo*. Grand Rapids: Brazos.

- BEYER, Peter (1994) *Religion and Globalization*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage.
- BEYER, Peter e BEAMAN, Lori G. (eds) (2007) *Religion, Globalization and Culture*. Leiden/Boston: Brill.
- BURITY, Joanildo A. (2006a) "Reform of the State and the New Discourse on Social Policy in Brazil." *Latin American Perspectives*. Riverside Vol. 33, N° 3, p. 67-88.
- _____ (2006b) *Redes, parcerias e participação religiosa nas políticas sociais no Brasil*. Recife: Massangana.
- _____ (2010) "Alter-globalist Latin American religious responses to economic globalization". *Journal of Globalization for the Common Good* N° 8, p. 1-19. Disponible en <http://dro.dur.ac.uk/8076>. Fecha de consulta, 12/02/2015.
- _____ (2013) "Entrepreneurial spirituality and ecumenical alterglobalism: two religious responses to global neoliberalism" en: Martikainen, Tuomas; Gauthier, François e Woodhead, Linda (eds.) *Religion in the Neoliberal Age: Political Economy and Modes of Governance*. Farnham: Ashgate, p. 21-36.
- CALDAS FILHO, Claudio Ribeiro (2007) "'Reino de Deus' na teologia evangelical latino-americana". *Ciências da Religião—História e Sociedade* Vol. 5, N° 2, p. 145-160.
- CASANOVA, José (1994) *Public Religions in the Modern World*. Chicago: Chicago University.
- _____ (2012) "Rethinking Public Religions" en: Shah, Timothy S.; Stepan, Alfred e Toft, Monica Duffy (eds.) *Rethinking Religion and World Affairs*. Oxford y New York: Oxford University, p. 25-35.
- CASTELLANI, Brian e HAFFERTY, Frederic W. (2009) *Sociology and complexity science: a new field of enquiry*. Berlin: Springer-Verlag.
- CHAMBERS, Samuel A. e CARVER, Terrell (eds.) (2008) *William E. Connolly: Democracy, pluralism and political theory*. Londres e Nova York: Routledge.
- CONNOLLY, William E. (2008) *Capitalism and Christianity, American Style*. Durham/London: Duke University.
- _____ (2011) *A World of Becoming*. Durham and London: Duke University.
- COCCO, Giuseppe (2009) *MundoBraz: O devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record.
- CSORDAS, Thomas J. (ed) (2009) *Transnational Transcendence: Essays on Religion and Globalization*. Berkeley: University of California
- CUNHA, Magali do Nascimento (2010) "'Quero trazer à memória o que me traz esperança'. O movimento ecumênico: avaliação e perspectivas." *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião* Vol. 13, N° 1-2, p. 103-135.
- DEAKIN, Nicholas (2010) "Religion, state and third sector in England." *Journal of Political Ideologies* Vol. 15, N° 3, p. 303-315.
- DELEUZE, Giles e GUATTARI, Félix (2003) *A thousand plateaus: Capitalism and schizophrenia*. Minneapolis y Londres: University of Minnesota.
- DE VRIES, Hent e SULLIVAN, Lawrence (eds.) (2008) *Political theologies: Public religions in a post-secular world*. Bronx, NY: Fordham University.
- FRESTON, Paul C. (2004) *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: Cambridge University.
- _____ (2007) "Latin America: the 'Other Christendom', Pluralism and Globalization" en: Beyer, Peter e Beaman, Lori G. (eds), *Religion, Globalization and Culture*. Leiden/Boston: Brill, p. 571-90.
- GÁNGÓ, Gábor (2010) "Hannah Arendt and the problem of public religion" en: Losonczy, Péter e Singh, Aakash (eds.) *From political theory to political theology: religious challenges and the prospects of democracy*. London y New York: Continuum, p. 47-57.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (2003) *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- _____ (2008) *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras.
- HAYNES, Jeffrey (1998) *Religion in Global Politics*. London y New York: Longman.

- _____ (2011) *Religion, politics and international relations: Selected essays*. Londres y New York: Routledge.
- HOCKEN, Peter (2009) *The challenges of the Pentecostal, Charismatic and Messianic Jewish movements: The tensions of the Spirit*. Farnham y Burlington: Ashgate
- JUERGENSMEYER, Mark (2003) *Terror in the Mind of God: the Global Rise of Religious Violence*. Berkeley y Los Angeles: University of California.
- _____ (2008) *Global Rebellion. Religious Challenges to the Secular State, From Christian Militias to Al Qaeda*. Berkeley y Los Angeles: University of California.
- KHONDKER, Habibul Haque (2006) "Glocalization as globalization: Evolution of a sociological concept". *Bangladesh e-Journal of Sociology*, [online], Vol. 1, N° 2, p. 1-9. Disponible en https://mukto-mona.com/Articles/habibul_haque/Globalization.pdf. Fecha de consulta, 20/11/2014.
- LACLAU, Ernesto (2006) *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- LEHMANN, David (2009) "Religion and globalisation" en: Woodhead, Linda; Kawanami, Hiroko e Partridge, Christopher (eds) *Religions in the Modern World: Traditions and Transformations*. 2nd ed. London: Routledge, p. 407-428.
- MACHADO, Maria das Dores Campos (2006) *Política e religião: A participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV.
- _____ (2009) "Identidade, globalização e secularização" em: Vieira, Liszt (org.) *Identidade e globalização: Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural*. Rio de Janeiro y São Paulo: Record, p. 171-205.
- MARTIN, David (2011) *The future of Christianity: Reflections on violence and democracy, religion and secularization*. Farnham y Burlington: Ashgate.
- MATO, Daniel (2004) "Redes transnacionales de actores globales y locales en la producción de representaciones de ideas de sociedad civil" en: Mato, Daniel (coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES/ Universidad Central de Venezuela, p. 67-93.
- _____ (2007) "Importancia de los Referentes Territoriales em Procesos Transnacionales. Una Crítica de la Idea de 'Desterritorialización' Basada en Estudios de Casos". *Estudos de Sociologia* Vol. 12, N° 23, p. 35-63.
- MELUCCI, Alberto (1996) *Challenging codes: Collective action in the information age*. Cambridge y Nova York: Cambridge University.
- MENDIETA, Eduardo e VAN ANTWERPEN, Jonathan (eds.) (2011) *The power of religion in the public sphere*. Nova York y Chichester: Columbia University.
- MICKLETHWAIT, John e WOOLBRIDGE, Adrian (2009) "The Culture Wars Go Global" en: *God is Back: How the Global Revival of Faith is Changing the World*. New York: Penguin, p. 322-351.
- MICHAEL, Michális S. e PETITO, Fabio (eds.) (2009) *Civilizational Dialogue and World Order: The Other Politics of Cultures, Religions and Civilizations in International Relations*. New York y Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- MÍGUEZ, Néstor; RIEGER, Joerg e SUNG, Jung Mo (2009) *Beyond the Spirit of Empire: Theology and politics in a new key*. London: SCM.
- MILLER, Donald E. e YAMAMORI, Tetsunao (2009) *Global Pentecostalism: The new face of Christian social engagement*. Berkeley: University of California.
- NORRIS, Pippa e INGLEHART, Ronald (2011) *Sacred and secular: religion and politics worldwide*. 2nd ed. New York: Cambridge University.
- NUNES, João Arriscado (2002) "Teoria crítica, cultura e ciência: O(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização" em: Santos, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez, p. 301-44.
- ORO, Ari Pedro (org.) (2006) *Religião e política no Cone Sul: Argentina, Brasil e Uruguai*. São Paulo: Attar.
- ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (orgs.) (1997) *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes.
- ORTIZ, Renato (2006) *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense.

- PACE, Enzo (2007) "Globalization and the conflict of values in Middle Eastern societies" en: Beyer, Peter e Beaman, Lori G. (eds) *Religion, Globalization and Culture*. Leiden y Boston: Brill, p. 503-526.
- PEW FORUM on Religion and Public Life (2006) *Spirit and Power: a 10-country survey of Pentecostals*. Washington: Pew Research Center.
- REHBEIN, Boike (ed.) (2009) *Globalization and Emerging Societies: development and inequality*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- ROBERTSON, Roland (1989) "Globalization, Politics and Religion" en: Beckford, James A. e Luckmann, Thomas (eds.), *The changing face of religion*. London: SAGE/ISA, p. 10-23.
- _____ (1995) "Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity" en: Featherstone, Mike; Lash, Scott e Robertson, Roland (eds.), *Global modernities*. Londres y Thousand Oaks: Sage, p. 25-44.
- _____ (2005) "The conceptual promise of globalization: commonality and diversity". *Artefact: Strategies of resistance* Vol. 1, N° 4. Disponible en http://artefact.mi2.hr/a04/lang_en/theory_robertson_en.htm. Fecha de consulta, 16/09/2014.
- _____ (2007) "Global Millennialism: a Post-mortem on Secularization" en Beyer, Peter; Beaman, Lori G. (eds) *Religion, Globalization and Culture*. Leiden y Boston: Brill, p. 9-34.
- ROBERTSON, Roland e CHIRICO, JoAnn (1985) "Humanity, Globalization, and Worldwide Religious Resurgence: A Theoretical Exploration". *Sociological Analysis* Vol. 46, N° 3, p. 219-242.
- ROOF, Wade Clark (ed.) (1991) *World Order and Religion*. Albany: State University of New York.
- ROUDOMETOF, Victor (2005) "Transnationalism, cosmopolitanism and glocalization". *Current Sociology* Vol. 53, N° 1, p. 113-135.
- ROY, Oliver (2010) *Holy ignorance: When religion and culture part ways*. London: Hurst & Co.
- SALVATORE, Armando (2009) "From tension to dialogue? The Mediterranean between European Civilization and the Muslim World" en: Michael, Michális S. e Petito, Fabio (eds) *Civilizational Dialogue and World Order: The Other Politics of Cultures, Religions and Civilizations in International Relations*. New York y Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 217-38.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2002) "Os processos da globalização" en: *A globalização e as ciências sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- SCHERER-WARREN, Ilse (1999) *Cidadania sem Fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec.
- _____ (2006) "Das mobilizações às redes de movimentos sociais". *Sociedade e Estado*, Brasília, Vol. 21, N° 1, p. 109-130.
- SCHOLTE, Jan Aart (2005) *Globalization: a critical introduction*. 2nd ed rev. and updt. Basingstoke y New York: Palgrave Macmillan.
- SMITH, John e JENKS, Chris (2006) *Qualitative complexity: Ecology, cognitive processes and the re-emergence of structures in post-humanist social theory*. Abingdon y New York: Routledge.
- STORRAR, William F. (2004) "Where the global and the local meet: Duncan Forrester's glocal public theology and Scottish political context" en: Storrar, William F. e Morton, Andrew R. (eds.) *Public theology for the 21st century: Essays in honour of Duncan B. Forrester*. Londres y New York: T&T Clark, p. 405-430.
- SWATOS Jr., William H. (ed.) (1989) *Religious Politics in Global and Comparative Perspective*. Westport: Greenwood.
- THOMAS, Scott (2005) *The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Relations. The Struggle for the Soul of the 21st Century*. New York y Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- VÁSQUEZ, Manuel A. e MARQUARDT, Marie Friedmann (2003) *Globalizing the sacred: Religion across the Americas*. New Brunswick, NJ y Londres: Rutgers University.
- WIN; GALLUP INTERNATIONAL (2012) *Global Index of Religiosity and Atheism 2012*. Disponible en: http://www.wingia.com/web/files/riche-ditor/filemanager/Global_INDEX_of_Religiosity_and_Atheism_PR_6.pdf. Fecha de consulta, 15/08/2012.
- WOLFE, John (ed.) (2002) *Global religious movements in regional context*. Aldershot y Milton Keynes: Ashgate/Open University.

WUTHNOW, Robert (1994) *Producing the sacred: An essay on public religion*. Champaign: University of Illinois.

YONG, Amos (2010) *In the days of Caesar: Pentecostalism and political theology*. Grand Rapids y Cambridge, UK: William Eerdmans.

Citado. BURITY, Joanildo A. (2015) "Políticas de minoritização religiosa e glocalização: notas para um estudo de redes religiosas de ativismo socio-político transnacional" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°18. Año 7. Agosto-Noviembre 2015. Córdoba. ISSN: 18528759. pp. 19-30. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/404>.

Plazos. Recibido: 20/05/2015. Aceptado: 11/07/2015.